

Maria não acreditava mais no amor.

Maria não acreditava mais na liberdade.

Foram tantas tentativas de bater suas asas, inúteis. Impotente. Olhava o céu de ponta cabeça, presa. Sua boca, amarrada. O tempo formou diversos nós que a impediam de gritar, cantar, pedir ajuda. Mas ela não desistia. Batia as asas mesmo que permanecesse no mesmo lugar na esperança de um dia ser vista, ser livre e voltar para casa. Quando se desanimava largava seu corpo, pendurado, cabeça pra trás, cansada de resistir ao cansaço, se entregava a dor. O sangue subia a cabeça, o corpo balançava, pendurado como se estivesse em um balanço de despedida da vida. Fechava seus olhos, ia se desligando desse mundo e via um lugar quente, laranja. Sentia suas asas e penas envoltas por um calor que a fazia querer ficar, ouvia um canto que a fazia se sentir viva, sorrir, brincar. Sentia suas asas batendo como se fossem as primeiras vezes em sintonia com outro par de asas que dançavam como crianças no céu, no Sol e na chuva. E então a chuva a trouxe de volta. Os pingos gelados a fizeram despertar, o balde de água fria. Nesse momento havia apenas suas asas amarradas e mais nenhuma. Ninguém a havia procurado. Ela não sabia a quanto tempo estava naquela situação e nem ao certo o que deu início a tanto sofrimento, tantos nós, tantas amarrações. Mas sabia que havia tempo e que as asas que ela esperava não haviam aparecido. Nesse momento tudo lhe revoltada. O sentimento de abandono, quanta impotência perante a meras raízes, sem se dar conta o quanto coisas enraizadas podem ser nossas piores prisões. A revolta tomava conta de seu corpo. Havia se convencido de que seu bico só não conseguia cortar as amarras após ter sido deformado por tanto trabalho, tanto esforço, tanto barro. Tudo isso para que? Criar um lar? Uma casa? Um lugar em que pudesse descansar, segura? Tudo lhe doía, o bico, as asas, as penas. Naquele momento ela queria ser tudo menos um passarinho. Logo ela que quando mulher sonhava em voar. Mas ali via que ser um passarinho sem asas era a mesma coisa de ser mulher. Até porque para as mulheres a impotência é algo que permeia a vida. E quando pensava em desistir e se entregava para o pior ouvia o mesmo canto, sentia o mesmo calor. Cadê? Cadê o meu amor? Cadê o amor? E sem poder cantar, e sem poder rir, batia as asas cansadas e machucadas na intenção que alguém a conseguisse enxergar. E então, de repente sentiu cutucões. Um graveto a espetava. Pronto foi vista por mais um que a queria ferir. Ela aceitava seu fim. Jamais foi vista por alguém que não a quisesse machucar. E então o graveto que a espetava lhe arrancou do topo da árvore onde estava presa. Suas pernas e asas ainda amarradas aos poucos foram sendo soltas. As raízes cortadas uma a uma. Seu bico também foi liberto e tudo que ela gritava era por amor. Cadê o meu amor? Cadê o amor? E então a última raiz libertou suas asas e ela voou em linha reta sem desvios. Procurava seu lar. Depois de alguns dias, mesmo cansada não havia desistido de procurar. Mesmo machucada pelas prisões, pelo abandono, ainda buscava incessantemente seu lar. E então começou a reconhecer as folhagens ao seu redor. As árvores, a cor e formato das folhas. E então avistou, no topo de uma árvore uma casa redonda de barro. Voou correndo, sem pestanejar. A curvatura da porta tinha a mesma curvatura de seu bico. Viu as marcas de suas patas no barro, era ali. Por um minuto alegrou se, “encontrei meu lar” pensou. Mas então ao entrar não viu João. João de barro, o seu amor. Logo entristeceu se. Aquela casa, sem ele não se parecia nada com um lar. Não era laranja e nem quente. Não possuía o canto que a lembrava de dançar. Não possuía as asas que entravam em sintonia com seu voo. Não havia o calor que a envolvia para dormir. Começou a se questionar e a relembrar como havia ficado presa naquela árvore, a dor era tanta e a saudade e lembranças boas a fizeram esquecer de como chegou lá, como acabou naquele estado tão perdida, machucada e impotente. Lembrara que havia saído com João

naquele dia mas que suas asas não batiam mais em sintonia a algum tempo. Lembrara que ela estava tentando contar a ele como estava se sentindo por isso, mas ele não a ouvia. Ela cantava e ele não mais a ouvia. E toda vez que ela tentava lhe fazer ser compreendida ele a ignorava, despistava a, emaranhando - se em meio as árvores com outros pássaros, e cada vez que o procurava ela se prendia mais e mais em cipós e armadilhas que o proprio João armara. Naquela noite em que Maria chegou em casa e não viu João encostou se um minuto dentro de sua toquinha e sem se dar conta adormeceu de tanta dor. Enquanto dormia sentiu um calor familiar ao seu redor, melhor que as asas em sintonia a sua, e que toda a busca que a amarraram, silenciaram e a machucaram. Era ela mesma, voltando pra casa, Maria de barro.